



3 1761 07039966 2

Beirao, Caetano
Sonetos

PQ
9261
B388A6
1918
c.1
ROBA



Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

No. 2

CAETANO BEIRÃO

SONETOS

(1912-1918)

Caetano Nunes Beirão



LISBOA
1918

Caetano

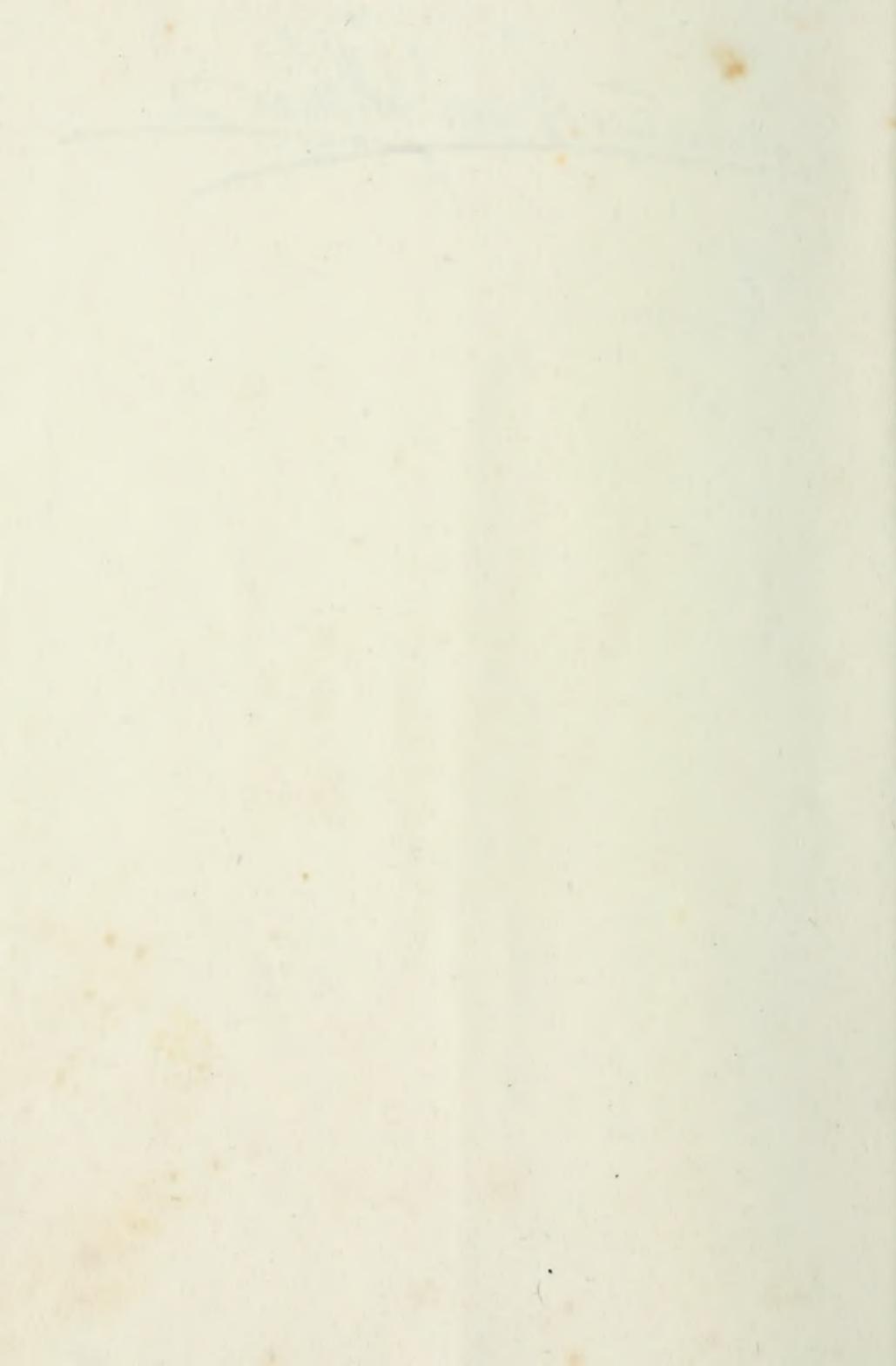






Celestino James Giblin

CE



SONETOS

(1912-1918)



A MEUS PAES

*Senhoras d'olhos lindos, formas belas,
que esta página abristes neste instante,
rapazes joviaes, ledas donzelas,
meus versos não tenteis ler por deante :*

*Sam tristonhas, sombrias aguarelas,
formadas em meu espirito inconstante,
sam desabafos, confissões singelas,
sam saudades d'um tempo já distante :*

*sam suspiros e ais soltos ao vento
e aqui em pobres rimas mal dispersos
que para tanto falha-me o talento :*

*quando porém os Fados sam adversos
e o coração desabafar intento,
inda o maior prazer é fazer versos.*

Y
I

A' MEMORIA DE CAROLINA CORONADO
E DE SUA FILHA MATILDE PERRY TORRES-CABRERA

OFERTORIO

A' memoria d'Alguem que o meu caminho
juncou de rosas (que murcharam cedo !),
e levou para o tumulo o segredo
d'um grande amor que me deixou sosinho :

á memoria de quem, no torvelinho
da vida, me guiou meu passo a medo,
que me apontou da ciencia o obscuro enredo,
de quem eu fui discipulo e sobrinho :

á memoria de meus Avós sepultos
(mas não mortos, que vivo eu neles fico
e ficarão meus filhos quando adultos) :

a vós, em cujas aras sacrificio,
almas puras, espiritos ocultos,
estes meus versos simples dedico.

INVOCAÇÃO

As filhas de Mnemósine e de Jóve,
d'Apolo irmãs, d'Apolo inspiradoras,
não invoco nas óras sonhadoras
em que a lírica veia me comóve :

não invoco as inuptas irmãs nove
que do Parnazo e Pindo sam senhoras;
nem as Tágides, lusas protectoras,
que o génio de Camões concebe e móve :

mas invoco, no inicio de meus cantos,
as polícromas, léves-mariposas,
que me enredaram em seus mil encantos :

aquelas que, suaves, amorosas,
desfolharam sorrisos, graças, prantos,
sobre a minha existencia, como rosas.

A BOCAGE

Sofra embora o teu nome o infame ultrage
de andar de boca em boca entre o povinho :
chamem-te ainda espirito mesquinho
que contra a sua época reage :

contem mil anedótas de estalage
do teu estro fecundo mas daninho ;
que para mim, afirmo-o com carinho,
o nosso maior bardo és tu, Bocage.

Agora que das musas sou tentado
e estes sonetos vão correr dispersos,
na publica indulgencia confiado :

os teus manes invoco, em pó submersos,
e assim, qual outro Apolo consagrado,
possas tu inspirar estes meus versos !

A S. M. EL-REI

Senhor Rei, se no exilio, onde a maldade
e a ignorancia d'um povo desditoso
vos obrigaram a buscar repouso,
pode escutar-me a Vossa Magestade ;

vede o corrupto mal que nos invade
e correi a salvar-nos pressuroso ;
vós sois o unico fâro esperançoso
que ilumina de luso a orfandade.

Tomae a vossa espada sem tardança ;
vós que reunis a triplice ierarquia
dos Reis de Portugal, de Italia, e França ;

calcae a sérpe que nos asfixia,
e restaurae a casa de Bragança,
o Altar, a Tradição, e a Monarquia.

A S. M. A RAINHA

«Le Portugal c'est mon rêve!»

Palavras attribuidas a S. M. A Rainha

Alta princeza, e vós, Senhora minha,
anjo de tanto amor e graça tanta,
que desejastes ser mártir e santa
(porque é mártir e santa uma rainha):

que voaes como candida andorinha
para afastar o mal que nos quebranta,
pousae o vosso olhar, que nos encanta,
na vossa patria misera e mesquinha :

olhae, flôr de tudesca formosura...
Mas, não deliro, não, quando supponho
ve-la vir até nós, serena e pura :

é Ela ! Acerca-se com ar tristonho,
e, com pranto na voz, eis que murmura :
— Portugal, Portugal, és o meu sonho !

SURGE ET AMBULA

Porque tens, meu amigo, esse olhar triste,
um riso turvo, o rosto macilento?
A que fatal engano ou desalento
a tua mocidade não resiste?

Conheço a tua dôr; em ti existe
um mal de que te quero ver isento;
descreste, e no teu intimo tormento
a sós co' a magua e a dúvida te viste.

E' preciso tornar á luz da vida!
A mocidade é planta re florida;
vamos colher os frutos saborosos!

O amor já te oferece aljáva e séta;
verás que não ha mais preciosa méta
que o bosque dos enleios amorosos.

O TÊDIO

No palacio do Tédio entrava um dia
a minha alma subtil em sombra envolta;
de amorosas paixões turba revolta
nem a alegrava já nem a prendia.

As Virtudes, o Amor, o Odio, á porfia,
Vícios, Prazeres mil, vem tudo á solta,
á Beleza imortal fazendo escolta
e á Bondade, attributos de Maria.

Mas tudo ella despreza como o grego
a quem o persa ostil corromper tenta ;
nada lhe traz o bem, nada o socego:

té que a minh' alma diz— "ó gregi sedenta,
sabe que, por meu mal, o teu conchego,
quanto mais me faltar mais me contenta !„

JOCANAHAN

Uma tarde, em miserrima choupana
onde apenas madeira e linho havia,
junto á porta, fiando, era Maria,
de quem bondade e graça e luz dimana.

A' sombra d'uma palma, em terra plana,
dois pequenos brincavam á porfia;
de vez em quando a Virgem lhes sorria...
mas eis que a visita-los vem Sant'Ana.

Ambos correm, gritando, ao seu regaço.
A Mãe da Virgem-Mãe, num só abraço,
tomou os inocentes semi-nus:

e achou-os tão formosos igualmente
que os beijou com ternura longamente
sem saber qual dos dois era Jesus.

A MIMI AGUGLIA

Recitado numa festa em sua onra, em Coimbra.

In questo omaggio, ó gran Sacerdotessa
di quel bel tempio che si chiama l'Arte,
vuol prendere nostr' anima somnessa
una modesta ma sincera parte.

Se pur, ó dannunziana principessa,
le parole io non so con cui lodarte,
il mio cuore o frattanto si confessa
e mi dice mai più dimenticarte.

Mai più dimenticar quel bel "Giannetto",
mai più "Mila di Codra",, o "Margherita",
ch' io vedo ancora pallida sulletto:

mai, mai più quei momenti d' emmozione,
che tu della Bellezza sei la vita
e dell' Arte la pura incarnazione.



II

AO VISCONDE DE CASTILHO

DOR SUPREMA

Alta noite, minh' alma dolorida
forceja por vencer o que a tortura;
ergue os braços no espaço e, em vão, procura
aquela que era vida d'esta vida:

— "E' Ela ! é Ela ! a minha Bem-Querida !
Conheço-lhe dos olhos a doçura,
ouço ainda as palavras que murmura . . .
Meu amor, vem beijar-me á despedida !,,

Ai, mas foi tudo um rude encantamento !
Senhor, se m'a levaeis em tenra idade,
matae-me a mim também neste momento.

Só prefiro viver nesta ancidade
se mais vale sofrer tão vil tormento
do que morrer por Ela de saudade.

CONSOLAÇÃO

A doce companheira que na vida
para mim fôra mais do que uma irmã ;
que já na minha infancia desprendida
brilhava como estrela da manhã :

que oje, em suma, era o sol da minha vida,
o meu passado e o dia de amanhã,
a minha juventude re florida,
a confidente, a noiva, a esposa, a irmã :

quiz a Sorte desce-la á campa fria
quando enfim tudo agora lhe sorria,
nessa idade que máculas não tem.

Mas no meio do luto da minh'alma,
uma ideia me traz consolo e calma :
que havemos todos de morrer tambem.

LAGRIMAS

Maria, quem me déra ter o fogo
de mil poetas sobrenaturaes
para cantar a dôr em que me afogo
e a tua desgraça, que não têm rivaes.

Ás musas com ardor me entrego e rogo
que meus versos não possam ter iguaes;
façam chorar de horror agora e logo
a terra, o mar e os ceus onde tu vaes.

Mas não posso... E afinal, meu bem, que importa
que por ti sofra e chore toda a gente?
Certo estou que tua alma se conforta

vendo no cemiterio, ao sol-poente,
dois velinhos chorando á tua porta
e eu, e eu chorando eternamente.

TU E DEUS

Passam dias e mezes longamente
como passa a risonha mocidade,
mas não passa esta dôr que inda me invade,
que a cada instante em mim trago presente.

Nos momentos porém de mór saudade
cuido vêr, como sombra transparente,
o teu rosto formoso e sorridente
como envolto em divina claridade.

Creio então que tu sejas uma santa
que o Senhor tenha em graça lá nos céos
protegendo os meus dias sempre tristes :

e a amargura que então me invade é tanta
que oje todo o meu fito é crer que existes,
oje todo o meu sonho é crer em Deus.

III

AO CONDE DE SABUGOSA

ESTOICISMO OU RESIGNAÇÃO

Não invejo ao burguez sua riqueza,
ao general a gloria das conquistas,
aos artistas o genio dos artistas,
nem ao fidalgo as cartas de nobreza :

ao galante o favor d'uma princeza
ou o amor das actrizes e coristas,
ao goloso o prazer de epicuristas,
ao aváro as delicias da avareza :

mas anélo manter na adversidade
ou perante o mais rude cataclismo
essa alma de pagã serenidade,

que os antigos chamavam estoicismo,
e que se chama, á luz da nossa idade,
santa resignação do cristianismo.

MATERNIDADE

Ao admirar um corpo assim airoso
como o teu, embebido em tanta graça,
leve como a andorinha que esvoaça,
como jáspe ou carrára precioso:

penso que deverá ser orroroso
ver as metamorfóses por que passa
a linha escultural da tua raça
para dar descendencia ao “nobre,” esposo.

Pois oje (ai, só pensa-lo faz tristeza!)
disseram-me:—“Vae ser mãe qualquer dia...”
Eu bem sei que é dever da natureza,

mas ela, na verdade, bem podia
primeiro respeitar tua beleza
do que obrigar-te á sua tirania!

SÓFOCLES

Ao sul de Kinosura, résa a historia
que os gregos se bateram como iênas,
e Atica inteira festejava *apenas*
o mór feito naval de que ha memoria.

Temistocles, o eróe de tanta gloria,
em Salamina deixa as naus serenas,
e volta ao patrio lar, á bela Atenas,
onde o esperam as palmas da vitoria.

Mas á frente, cantando inos a Fébo,
vem caminhando, nu, gentil efebo
cujas formas deslumbram toda a grei :

que já esquece da festa a natureza
para exaltar a olimpica beleza
do futuro cantor do Edipo-Rei.

CONFLITOS D'ALMA

Trago na mente, d'uma, a fantasia,
o riso alegre, o seu falar mui doce;
e das margens do rio Douro trouxe
recordações que o tempo não resfria :

d'outra guardo no entanto a melodia
de formosura tal, como se fosse
a própria Perfeição; mas, acabou-se !,
que eu tanta perfeição não merecia.

Existe uma terceira que me prende,
a quem meu estro mil tributos rende
pois me embala em caricias deleitosas :

mas o meu coração triste, enlutado,
se inda pulsa, é chorando um ente amado
que teve apenas o viver das rosas...

A BELEZA DA MULHER

Quando, perante as femininas graças,
a contempla-las, quêdo, me estasio,
e observo a fôrma, a côr, o airoso fio,
essa arte com que, Amor, tu nos enlaças :

os contornos subtis, as sombras baças,
a luz do olhar, dos labios o feitio,
o ritmico ondular do corpo esguio,
predicados, enfim, das velhas raças :

mulher, admiro tanto a simetria
tã sobrenatural dos teus primôres,
que esqueço que uma alma te alumia,

para adorar em ti, como nas flôres,
unicamente a classica armonia
das linhas, dos contornos, e das côres.

NOSTALGIA COIMBRÃ

Que saudades eu sinto, ó terra amiga,
do teu Choupal, dos teus vergeis tranquilos;
dos lentes (quem me déra estar a ouvi-los !);
dos ocasos d'abril que a amar instiga:

d'alguma graciosa rapariga
d'olhos de sonho (e o bom que era senti-los !);
dos conventos em multiplos estilos
que nos fazem pensar na idade antiga:

das ceias no «*Magrinho*» irreverente;
da tia Filomena, divertida
como não pode haver outra servente:

da capa; dos amigos; do «*Avenida*»;
da juventude original e ardente;
da primavera, enfim, da nossa vida !

O MEZ DE MAIO

Todos louvam de Maio a audaz pujança,
o sol doirado, a seiva que enebria ;
chamam-lhe o mez do amor e da poesia
e em cada coração nasce uma esp'rança :

a natureza o mór fulgor alcança,
engrinaldam-se os campos á porfia,
é o mez da Virgem-Mãe, mez de Maria,
é o mez, enfim, que a todos traz bonança :

só para a vida minha, ó primavera :
traíçoeiro mez de Maio, tu quizeste
mostrar-te mais cruel do que uma féra :

odeio-te no mal que me fizeste !,
pois, sendo o meu viver loução como era,
tornaste-o num inverno árido e agreste.

NO DOURO

Ali, onde só reina a santidade
d'um rustico viver virgiliano,
ouvindo á noite o rouxinol silvano
e de dia o feitor que anda na erdade :

ali, onde se adora a liberdade, •
a terra, o sol, as estações do ano ;
em que o Douro ora ruge irado, insano,
ora deslisa em doce magestade :

é tal da natureza o ameno imperio
que eu, afeito ás cidades e ao bolicio
d'uma vida tão falta de criterio :

nem me lembro das modas de artifício,
de crimes, de *cocottes*, de adulterio,
que ha tanta perversão e tanto vicio.

AMORES

Eu não posso passar sem ter no peito
a géva da paixão que desbarata;
nasci para viver (morrendo) á cata
d'uma ilusão, d'um sonho insatisfeito.

Quando não amo, acho que o mundo é estreito
como cárcere vil que abafa e mata;
mas acho a vida alegre serenata
quando um mágico olhar me traz sujeito.

Vós todas por quem trago o peito em chama
sois o meu bem e sois o inimigo
por quem minh' alma chora, aneia, e clama:

vinde pois, que em meu peito acheis abrigo;
a todas adorar é leve trama,
mas amar uma só, eis o perigo!

DURANTE UMA REVOLTA

Emquanto o povo audaz se degladia
porque a fome cruel lhe bate á porta,
e o traiçoeiro embuste não suporta
d'uma falaz e vã democracia :

emquanto o rimbombar da artilharia
derruba tanta gente ou f'rida ou morta,
tentando ver se a sedição aborta
e a liberdade é mais que uma utopia :

eu, crendo que somente a Realeza
salvar nos pode, em nada me intrometo ;
quedo-me em casa alheio á rude empresa :

e emquanto o caso não mudar de aspeto,
no escritorio, sentado á minha mesa,
faço de vez em quando o meu soneto.

TESTAMENTO

Quando eu morrer, sepultem-me entre montes
onde o sol não penetre ousadamente;
irrita-me essa luz irreverente,
prefiro a sombra onde murmurem fontes:

depois, rouxinol, quero que me contes,
á luz da lua, em teu cantar dolente,
quaes as pessoas que, invariavelmente,
na minha tumba vêm pousar as fronte :

e se vires a flôr que amar não ousou,
dize então:—“Aqui jaz um pobre, um triste
para quem foste um astro luminoso:

se palavras de amor nunca lhe ouviste
é porque o Amor é um deus tão caprichoso
que á dura realidade não resiste.”

REDENÇÃO

Pálido, exangue, umilde, mas sereno,
Jesus sofre da plebe a injúria infame ;
não ha nome que o povo lhe não chame
que não encerre em si fel e veneno :

cóspem-lhe, férem-n-o em seu rosto ameno ;
obrigam-n-o ao mais sórdido véxame :
mas embora o seu sangue se derrame
não se queixa nem chora o Nazareno !

Já seus membros em máguas se consomem . . .
Nisto sombra veloz a terra invade
para que os céos maior furor retomem.

O' misterio presente em toda a idade !
E' o proprio Deus que morre e se fez ómem
para vos resgatar, Umanidade !

DOIS ANOS DEPOIS

Meu pobre coração é como Dirce
que ás crinas do cavalo andava presa ;
o Destino ordenou-lhe, em ira aceza :
—“Anda, vae, parte, corre...” e entrou a rir-se :

e ele foi, mas exânime, a sumir-se
das fráguas do caminho na aspereza ;
não-n-o alegre das ninfas a beleza
nem mesmo os filtros mágicos de Circe :

nada ! Procuro ainda, inutilmente,
nas sombras feminis que mal aflóro,
lenitivo á saudade em mim crescente:

tudo em vão; desfaleço e não melhora;
e sinto no meu peito unicamente
que a ela unicamente é que eu adoro.

DESALENTO

Como o nauta que em meio do perigo
no Céu procura a estrela da bonança,
mas que a esperada meta não alcança,
nem alcança um refugio, nem abrigo :

assim eu sonho, aneio, e em vão persigo
a fantasia em que o meu ser me lança ;
quero chegar, vencer sem mais tardança :
mas vacilo, fraquejo, e não consigo.

Que triste é o definhar da mocidade !
Mas se a ventura em nós é que reside
do meu sofrer, Senhor ! tende piedade :

ouvi as minhas súplicas, sorride,
fazei com que me baste a Realidade
e o Destino que ao meu viver preside !

CONSELHO A UM AMIGO

Não queiras, meu rapaz, saber, não queiras,
o que é ter-se no peito amor veemente :
uma obsessão que nos afoga a mente
em pensamentos mil, em mil canseiras :

é sofrer, é passar óras inteiras
a contemplar uma visão que mente :
é ver desmoronar abruptamente
as nossas esperanças mais fagueiras :

é uma labareda que em nós arde,
é uma apoteóse á Formosura,
mas é um viver só triste e cobarde :

um dia vês o mal, vaes dar-lhe cura ;
mas a vida passou ; é muito tarde,
pois já se te abre aos pés a sepultura.

SONHO PAGÃO

Sonhei (amor, nem sei como t'o conte!)
que d'um festim de Atenas á luz dubia
te segredava (lembras-te que eu sube-a?)
uma ode sensual de Anacreonte.

Desfolhava-te rosas sobre a fronte,
enquanto uma formosa escrava nubia
d'olhos negros, tez baça, e boca rubia,
te enchia a copa que te está defronte.

Efébos nus e lúbricas donzelas,
ao som de compassada melodia,
procuravam na dança as curvas belas.

Tuas formas já nada me encobria,
e eu tentava beber no seio d'elas
as delicias de olimpica ambrosia.

IV

A JULIO DANTAS

M'AIMERIEZ-VOUS ?

Si, par hasard, un jour, en mots simples et doux,
quelqu'un venait vous dire, en vous livrant son âme,
que vous êtes pour lui la seule, unique femme
qu'il adore à jamais; dites, l'aimeriez-vous?

S'il vous disait aussi que dans son amour fou
il trouve son bonheur et la divine flamme;
que vous êtes son coeur, et sa vie, et son âme,
et l'univers entier, dites, l'aimeriez-vous?

Si j'osais seulement vous dire, à votre oreille,
le rêve étourdissant qui dans mon coeur s'éveille,
qui m'obsède et possède et grandit tout à coup;

Si je vous répétais en mots pleins de tendresse
l'amour qui me dévore à chaque instant, sans cesse,
alors, m'aimeriez-vous?, dites, m'aimeriez-vous?

INCONSCIENCE

Néron était assis, plein de magnificence,
en appuyant sa tête á son poing meurtrier ;
l'émeraude à la main, superbe d'arrogance,
il regardait son peuple étendu à ses pieds.

La foule ne pouvait cacher l' impatience,
assise tout au long de l' immense escalier,
lorsqu' on vit les lutteurs venir á sa présence :
— "*Morituri*, César, viennent te saluer !,"

Il se fait tout á coup un court, fiévreux silence.
On entend les lions dans leur cage hurler.
La moment est venu. Le spectacle commence.

L' empereur, souriant, vient de leur dire: — "Allez!,"
car il ne pense pas, dans son inconscience,
que des lions pourraient bien aussi l' avaler.

YOUTH AND BEAUTY

Rêves, pourquoi venir éveiller mes tristesses?
Désirs, pourquoi brûler ma chair si vainement?
Espoir, pourquoi viens tu m'arracher aux détresses?
Pour m'y plonger après encor plus durement?

Amour, pourquoi donner à mon coeur pour maîtresse
une image si belle, un rêve si charmant?
Et vous deux que j'adore, ô Beauté, ô Jeunesse,
pourquoi m'abandonner si tôt, subitement?

Et tous ont répondu, dans un éclat de rire:
— "Ton pauvre esprit s'éteint, ton beau rêve est menteur;
renonce à conquérir ici-bas le bonheur. . . ."

En ayant tout compris, j'ai fini par me dire
que si l'on n'est pas beau ni d'esprit ni de corps,
on doit tout simplement marcher droit vers la mort.

DEVANT SON PORTRAIT

Grand Dieu! quand je regarde, ô Père de mon Père,
ton sourire si doux et ton regard si bon;
lorsque mon cœur fiévreux de tes lèvres espère
entendre m'appeler par mon nom et ton nom;

je sens une tendresse immense de mystère
remplir mon pauvre cœur inspiré par ton front,
et je regrette alors, dans ma tristesse amère,
de ne t'avoir connu que par tradition.

Mais non; tu n'es pas mort. Je te sens dans mes veines,
car je veux, mon Grand-Père, être tout à fait toi.
Laisse-moi regarder tes pupilles sereines,

laisse-moi voir si par ton sourire je boi
les si nobles vertus dont ta vie était pleine.
— Grand Père, écoute moi, et parle, parle moi.

VOS MAINS

Deux bijoux ciselés par le Maître Suprême,
deux tourterelles qui voltigent devant nous,
vos mains sont les beaux vers d'un ravissant poème,
car le poème entier, si ravissant, c'est vous.

Leur mouvement léger, harmonieux et doux
nous entraîne à leur dire: oh, combien je vous aime!
Et si mes pauvres yeux n'en deviennent pas fous,
c'est qu'ils le sont déjà tout à fait de vous-même.

Parfumés, veloutés comme des fleurs, tremblants,
vos longs et frêles doigts, semblent deux lilas blancs
balancés, caressés par la brise qui passe.

Et, comme si j'étais le souffle du matin,
sitôt que j'aperçois votre petite main,
je me prosterne, je la prends et je l'embrasse.

V

A EUGENIO DE CASTRO

A UMA DONZELA
DE LINDOS OLHOS NEGROS

Esse olhar branco e meigo e portentoso
que ás deusas do Parnaso faz inveja,
quiz um dia a Fortuna bemfazeja
que por ele eu perdesse o meu repouso.

Mas sofrer por tal causa é extremo gozo !
Por mais indifferente que eu vos seja,
será sempre um farol que me proteja
no meio d'um viver tempestuoso.

Olhar feito de sonho e de misterio !
O seu âmago abrange um vasto imperio
onde a Inocencia reina omnipotente.

Não ha luz mais suave sobre a terra,
e porisso a beleza que ela encerra
viverá na minh' alma eternamente.

A' MESMA

Juventude, frescor, graça, harmonia,
se casaram em vós tão docemente,
que a Natureza, ao ver-vos, de contente,
que vos tivesse feito já não cria.

Veiu ajuntar-se a tanto a fidalguia,
Privilegio immortal da nobre gente,
e essa beleza peregrina, ingente,
ganhou em perfeição quanto podia.

Uma noite, por entre mil beldades,
vejo surgir a vossa formosura
que deslumbrava elénicas cidades:

desde então lindo sonho em mim perdura ;
eu bem sei que ele é feito de vaidades,
mas feridas de amor nunca têm cura...

NO PRIMEIRO ANIVERSARIO

DO FILHO DO MEU AMIGO A. R.

Parabem, pae feliz, dileto amigo,
que a tua descendencia um ano conta !
E' novo ramo que a sorrir desponta
no tronco da familia austero e antigo :

é da tua velhice o amêno abrigo,
é o teu ser que renasce e que remonta ;
augurando venturas mil, sem conta,
parabem, pae feliz, oje te digo.

Prevejo (e crê que o meu prever não erra)
que nunca ha-de estudar filosofia
(o que fará subir o pae á serra !) :

mas ha-de, e o que é bem mais, com galhardia,
amar e defender a sua terra,
a Igreja, a Patria, o Lar, e a Monarquia.

PARTIDA

Partiu ; não tornarei tão cedo a ve-la ;
no entanto ha uma visão que me acompanha
pela senda em que o meu pensar se embrenha,
e essa doce visão é a imagem d'ela :

partiu, sim, mas parece-me inda te-ia
ante os olhos (e pena é que a não tenha !)
tal como ontem a vi (mentira extranha !)
fresca, alegre, suave, airosa, e bela.

Tudo ilusão porém que me traz cego,
que tanto mais me oprime e me tortura
quanto mais aos encantos seus me apego :

ó visão, foge, abala, és vã loucura ! ;
não me leves do espirito o socego
se em troca me não dás maior ventura !

CONFISSÃO

O fantasma do meu passado impuro
persegue-me, enfeitiça-me em seus laços :
já o sinto invadir-me os membros lassos
e arrastar a minha' alma no monturo.

Suspende ! o teu convívio não procuro,
oje que um sol doirado enche os espaços ;
d'um anjo de azas brancas sinto os passos
que ha-de ser o meu guia no futuro.

A ele pois me entrego, á nova aurora
que dissipa o fervor da mocidade
e a febre do prazer que nos devora :

e, deixando os desvairos d'outra idade,
será meu lêma pela vida em fóra :
Onra, Patria, Familia, Eternidade.

CHEGA A PRIMAVERA

Oje que um sol de abril doira a campina
e que o verdor nos campos ressuscita;
oje que a primavera em nós abita
e do amor os segredos nos ensina;

oje que o melro nos silvados trina
e a borboleta entre os jasmins volita;
oje que a natureza a amar incita
e nos deslumbra a mórbida retina:

porque não vens, amor, tu que és tão bela,
cheia de graça e cheia de frescura,
colher no alegre prado a flôr singela?

Vem comigo, meu bem, vem dar-me cura!
Sem ti, todo o esplendor que se revela
não passa d'uma noite árida e escura.

NA FESTA ARTISTICA
D'UMA ACTRIZ ITALIANA

Vistam oje de gala as nove Musas,
desçam do céo as Graças e os Amores,
a Aurora inunde a terra de mil côres,
e acorram ninfas belas e confusas:

tanjam inos a lira e a frauta lusas
e elevem-se até Fébo em mil clamores,
sobre Lisboa Flóra esparja flores
de essencias requintadas e profusas:

que a propria deusa gnídia, a mãe de Eneas
que ao deixar Ilion o Lácio trilha,
vem saudar-vos tambem co'as outras deas:

e diz: — “Pela beleza que em ti brilha,
alma de artista, encanto das plateas,
bem se vê, bem se vê que és minha filha!,,

VISÕES NOCTURNAS

Quando a família a noite, se retira
da casa á beira-mar na velha sala,
esta côse, este jôga, aquele raia,
e o tempo esvae-se vagaroso, impune:

mas um tremor de súbito nos aterra:
tudo suspende o olhar, tudo se cala;
nos rostos macerados, côm de opala,
pinta-se a dôr que nobilita e pune.

E' que o espirito d'Ela, a nossa Morta,
que ha três anos na eisea paz vagueia,
da casa de seus paes transpoz a porta.

Piam aves nocturnas lá na aldeia:
e os nossos corações, que o amor agita,
palpitam como as ondas sobre a areia.

AMIZADE

Ja não vivo do amor ; o amor é planta
que esgôta, que destrôe, que contamina ;
já da sereia a voz me não fascina,
de qualquer ninfa o olhar já não me encanta :

há outro afêto que ao amor suplanta,
é centelha mais alta, é flôr mais fina,
se não vem de repente, não declina
como esse amor que faz desgraça tanta :

é suave, é sincero, é sem maldade,
é perder-se num doce labirinto,
e tem o nome augusto de amizade :

eis o nobre sentir, o amêno instinto
que deleita, que atráe, que persuade,
eis a grande afeiçãõ que por vós sinto.

DOMINIO

Um desejo impalpavel como o fumo
em que a minh' alma adeja e logo parte,
feito de sonho, de volúpia, e d' arte,
que da vida me faz perder o rumo ;

torturante e cruel, como presumo
que por Vénus sentisse o altivo Marte,
eis de que mal forçoso é que me aparte,
eis o fogo em que, estéril, me consumo.

Oje porém, Senhora da Pureza,
foi para mim um bálsamo divino
a vossa aristocratica beleza :

ao ver o vosso rosto peregrino
tive pejo da minha vil fraqueza,
e é só pensando em vós que me domino.

O MAR

Sou filho de dois povos insulares:
a verde Irlanda e Portugal doirado;
e junto á foz do Tejo fui gerado,
donde o Gama partiu, singrando os mares:

sam numa praia meus paternos lares,
aonde a minha Avó tinha um morgado;
e passei minha infancia, descuidado,
ouvindo aos nautas languidos cantares:

porisso, se me encontro noite e dia
entre o rude planalto trasmontano
e a ridente, beirôa serraia:

o meu sangue fenicio e lusitano
sofre indomavelmente a nostalgia
do mar, das ondas, da amplidão, do Oceano.

A UMA BELDADE

Feita da côr, da graça, e da frescura
com que as rosas de abril o sol colóra,
perfeita como Tétis ou Pandóra,
formosa como a propria Formosura:

os olhos tendo a côr da noite escura
mas tendo mais fulgor que a luz da aurora,
a boca, mimo onde Cupido aflóra,
brinca e se esconde e Vénus o procura:

eis a musa que o meu cantar inspira,
eis a deusa que os céos desafiára,
e a Jove encheu de tanta inveja e d'ira,

que até da sua essencia duvidára,
pois tamanha beleza nunca vira,
com tanta Perfeição nunca sonhára.

DE NOVO PRESO...

Amor, quando oje enfim me comprazia
de me haver de teus laços libertado,
e me entregava alegre e descuidado
ao tranquilo bem-estar de cada dia:

eis que de novo a rubra fantasia,
num sonho de beleza, apaixonado,
me impele a navegar num mar irado
de amor, de luz, de anelo, e de agonia.

Mostraste-m'a, Cupido, — "Oh, como é bela!,,
segredou-me a minh'alma, na penumbra
em que tudo merguiha em volta d'e'a.

Desde então nova dôr em mim vislumbra;
mas afronto-a, insensato, e corro a ve-la
e a queimar-me no sol que me deslumbra.

CONFISSÃO AMOROSA

Meia Lisboa a vossos pés se inclina
deslumbrada em tão doce encantamento;
tudo fica suspenso, ancioso, atento
na vossa formosura peregrina:

empalidece, ao ver-vos, a bonina,
mordida do ciúme no tormento,
a rosa já se entrega ao néscio vento
e de raiva se fana e se amofina:

como quereis portanto, amor, que eu négue
que a luz divina que esse olhar derrama
trazer-me enlouquecido já conségue?

crêde pois que eu, perdido em vossa chama,
sendo aquele que menos vos perségue,
por certo sou também quem mais vos ama.

RESSURGIMENTO

Triste, sem norte, e de viver cansado,
tendo o amor como fórmula sem vida,
cuidei minha esperança já perdida
e que apenas sofrer fosse o meu Fado:

cuidei que nunca mais num peito amado
meu coração pudesse achar guarida,
cuidei que fosse uma ilusão falida
a Beleza que eu tinha idealizado.

O' céos, mas, não! que em vós encontrar pude
a mais inconcebível formosura
aliada á mais candida virtude:

e já no vosso olhar se me afigura
ter achado luz, vida, e juventude,
tudo enfim que fará minha ventura.

VI

A ANTONIO SARDINHA



OS FILHOS DE D. JOÃO I

«Inclita geração, altos infantes».
CAMÕES, «*Lusíadas*».

DOM DUARTE

O' rei piedoso e bom, poz-te o Destino
sobre a fronte o seu stigma de infortunio,
pois sofria um eclipse o plenilunio
quando subiste ao sólio joanino.

A's letras te entregaste em desatino,
mas se isso foi um erro, esse erro pune-o
teu reinado fatídico e reune-o
ao nosso épico drama ultramarino.

Foste infeliz, pois só te deu a Sorte
na Eternidade lúcida e tranquila
a paz que ambicionavas com transporte:

que emquanto o infante sonha com Arzila
e dom Fernando se oferece á morte,
o remorso de Tanger te aniquila.

DOM PEDRO

Sagaz, batalhador, sábio, e prudente,
empunhando a balança justiceira,
eis o infante que teve a jarreteira
e que pisou as terras do oriente.

Depois, morto o irmão, feito regente,
a intriga envolve-o pérfida e matreira;
ah! recontro cruel de Alfarrobeira,
de quanta indignação me encheis a mente!

Mas se recordo ess'óra acerba e obscura,
sinto a minh'alma em nobre chama acêsa
e brado logo: — "O' geração futura,

vêde sempre, com lídima firmeza,
em dom Pedro, a imagem da mais pura
e leal fidalguia portuguesa.,,

DOM ENRIQUE

Eis o infante de Sagres, o fenicio,
que representa a Raça portuguesa;
ei-lo encarando o Oceano com firmeza,
ei-lo apontando o Alem, fatal indicio.

Da nossa Renascença foi o inicio,
á nossa patria foi quem deu grandeza.
mas foi a sua aventureira empreza
que nos abriu um novo precipicio.

Levou-nos a Marrocos, á Madeira,
a passar a Guiné e o cabo ingente,
abriu-nos do Levante a salsa esteira:

mas foi do irmão carrasco impenitente,
devemos-lhe o furor de Alfarrobeira,
e a tentação diabólica do Oriente.

DOM FERNANDO

O' Dôr! O' Fado bárbaro e metálico,
que ultrapassaes as marcas do delirio!
O' Gloria! O' Expição!, santo martírio
que padeceu o infante dom Fernando!

A carne e a alma pura, o gesto oratório,
o olhar suave como a flôr do lírio,
ei-lo a sorrir porque entrevê o Empírio,
ei-lo entre querubins aos céos voando.

Depois de Tanger, em refens se oi'rece
ao moiro ambicioso e sanguinario
e os vexames mais sórdidos padece.

Nada o faz recuar, pelo contrario:
pois vae pensando, entre o terror da prece,
que bem mais sofreu Cristo no Calvario.

BOM JOÃO

Assim como o botão da nivia rosa
pode ser pelo vento desfolhado,
mal o seu cálix abra, perfumado,
mal o envolva da aurora a luz radiosa.

assim também essa áste portentosa
de Aviz, João, cavaleiro denodado,
foi pela Peste aos seus arrebatado,
deixando a côrte aflita e lacrimosa.

Mas, céos! porque morreu tão cedo aquele
a quem aureo futuro era prescrito,
que todo o povo tinha os olhos nele?

Foi decerto (outras causas não cogito)
ou porque Deus teve saudades d'ele
ou por que se cumprisse o que era escrito.

DOM AFONSO

Filho bastardo de dom João primeiro,
nem porisso a tua fama é olvidavel ;
se cometeste um áto condenavel
sofreu teu neto o golpe justiceiro.

Foste um valente, dos irmãos parceiro ;
mas como se esta gloria fosse instavel,
ao da filha do Santo Condestavel
ligaste o nome e déste-lhe um erdeiro.

Cavalgou sempre a par da régia céla
a casa de Bragança, até que um dia
fomos caír nas garras de Castela :

Senhor !, se a bragantina dinastia
nos salvou d'essa vez, fazei com que ela
nos traga novamente a Monarquia !

INDICE

INDICE

<i>Senhoras d'olhos lindos</i>	11
--------------------------------------	----

I

Oretorio	15
Invocação.....	16
A Bocage.....	17
A S. M. El-Rei.....	18
A S. M. A Rainha.....	19
Surge et ambula.....	20
O Tédio.	21
Jocanahan.....	22
A Mimi Aguglia	23

II

Dôr supréma.....	27
Consoiação	28
Lagrimas	29
Tu e Deus	30

III

Estoicismo ou resignação.....	33
Maternidade	34
Sófocles	35
Conflitos d'alma.....	36
A beleza da mulher.....	37
Nostalgia coimbrã	38
O mez de Maio	39
No Douro	40
Amôres.....	41
Durante uma revolta.....	42
Testamento	43
Redenção.....	44
Dois anos depois.....	45
Desalento	46
Conselho a um amigo.....	47
Sonho pagão.....	48

IV

M' aimeriez-vous?.....	51
Inconscience	52
Youth and Beauty	53

Devant son portrait	54
Vos Mains	55

V

A uma donzella de lindos olhos negros	59
A' mesma	60
No primeiro aniversario do filho do meu amigo A. R.	61
Partida	62
Confissão	63
Chega a primavera	64
Na festa artistica d'uma actriz italiana	65
Visões nocturnas	66
Amizade	67
Dominio	68
O mar	69
A uma beldade	70
De novo preso	71
Confissão amorosa	72
Ressurgimento	73

VI

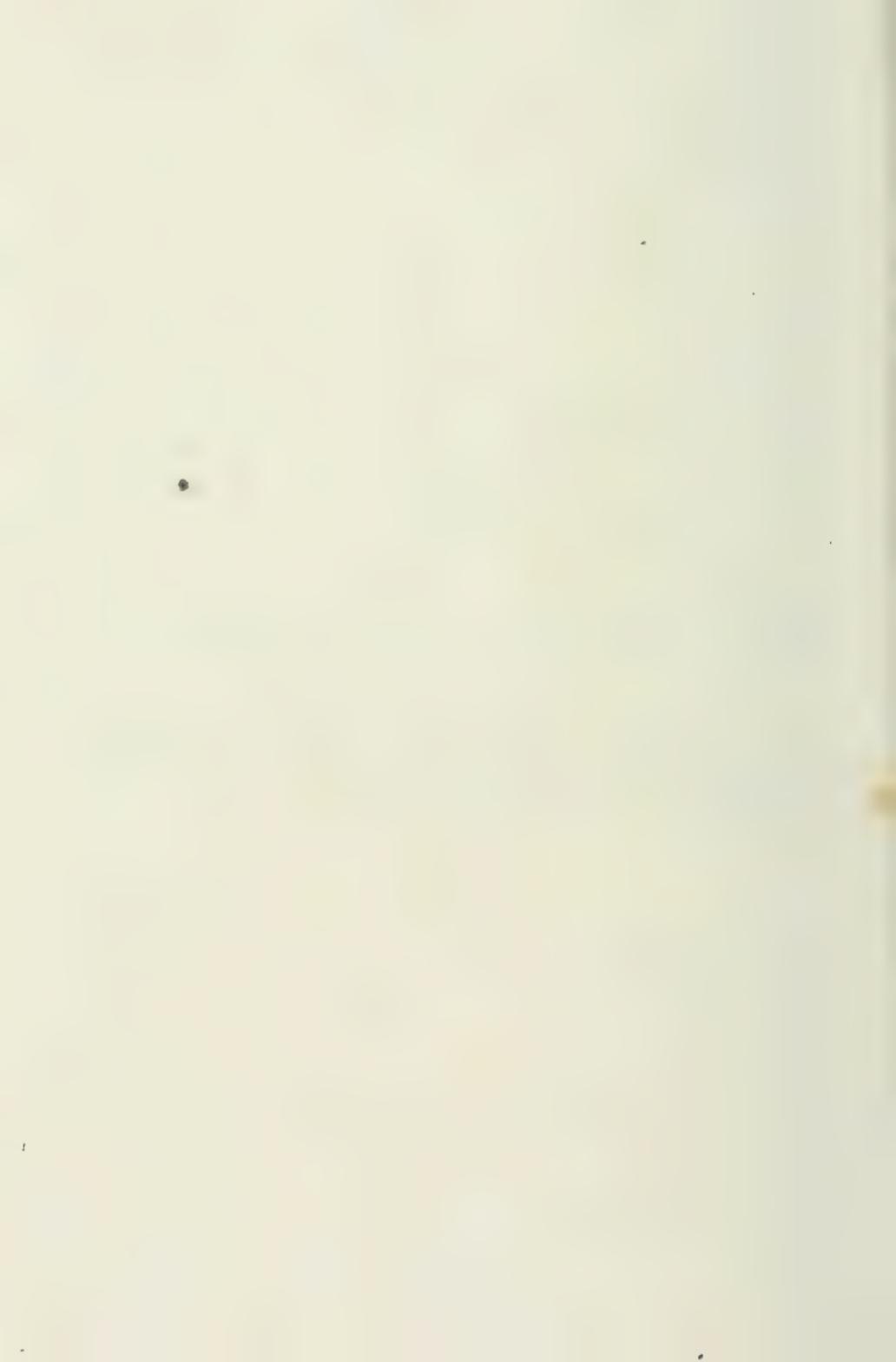
Os filhos de D. João I:	77
Dom Duarte	79

Dom Pedro.....	80
Dom Enrique	81
Dom Fernando	82
Dom João	83
Dom Afonso.	84

NOTA

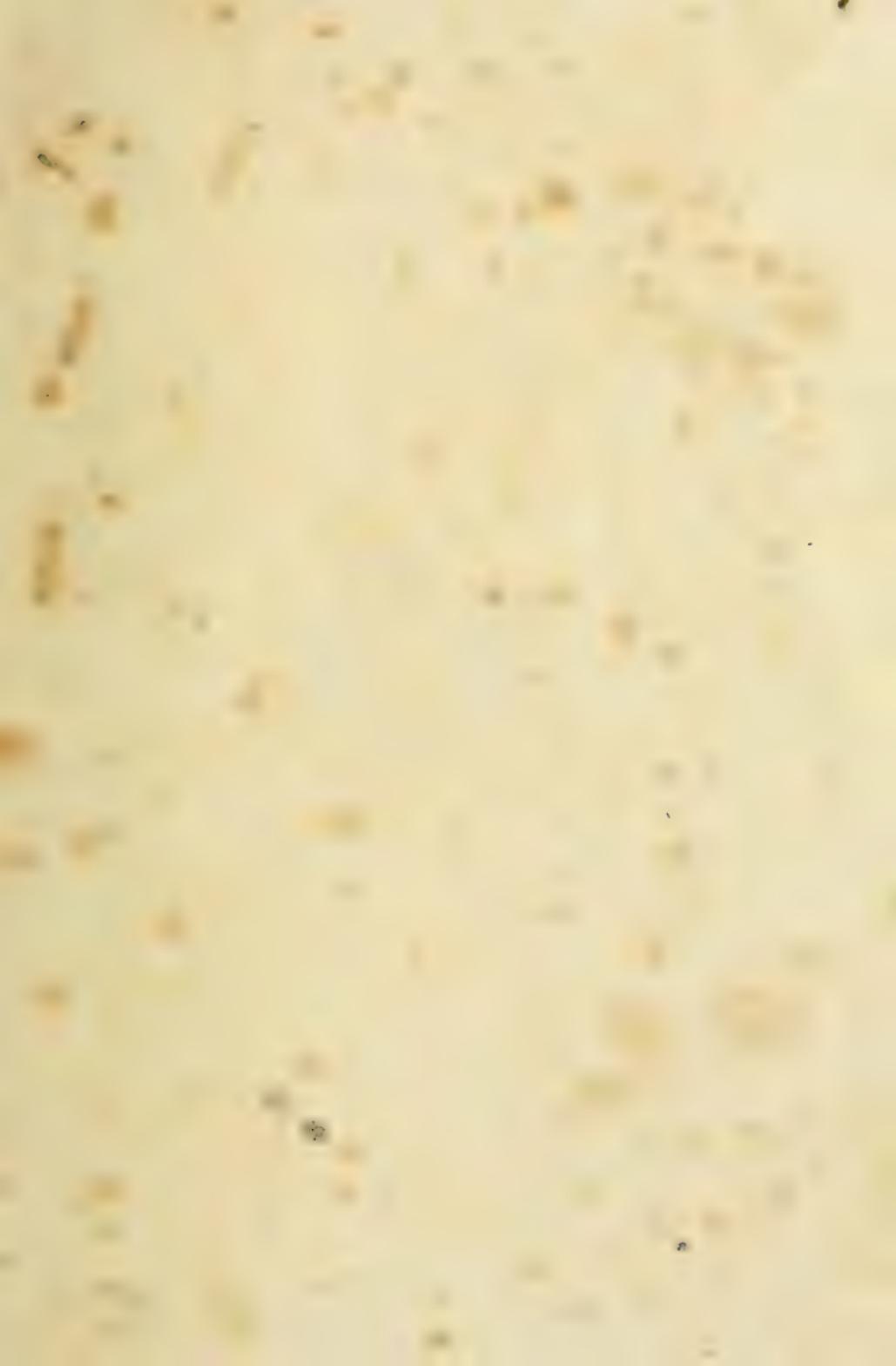
No soneto a S. M. El-Rei, onde se lê *que ilumina de luso a orfandade*, leia-se *que ilumina do luso a orfandade*.

No soneto a Mimi Aguglia, onde se lê *il mio cuore o frattanto*, leia-se *il mio cuore frattanto* e onde se lê *ancora pallida sul letto*, leia-se *ancora pallida sul letto*.



ACABOU DE SE IMPRIMIR
ESTE LIVRO AOS VINTE E
NOVE DIAS DO MEZ DE
MAIO DE MIL NOVECENTOS E
DESOITO NA TYPOGRAPHIA
CESAR PILOTO, SITA AO
LARGO DE TRINDADE COE-
LHO NA CIDADE DE LISBOA.







**PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET**

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

PQ
9261
B388A6
1918
C.1
ROBA

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 07 08 02 001 3